

O HOMEM LIVRE

CLASS. *inglês*
W.C. de

S. Paulo, 5 de Novembro de 1933

Redator-chefe:
GERALDO FERRAZ

ASSINATURAS:
ANO 20\$000
SEMESTRE 10\$000
NUMERO AVULSO \$200

Rua do Carmo, 11 — 1.º andar

Num. 18 Ano I

Contra a Guerra ou contra o Fascismo?

Com a força e a inevitabilidade dos fenômenos naturais a guerra apresenta-se na era do imperialismo como o remédio heroico para as contradições inelutáveis de um regime econômico cujo papel progressista, na história da humanidade, já pertence ao passado. A luta pelos mercados cada vez mais essenciais com o desenvolvimento do modo de produção capitalista e a contradição cada vez mais aguda entre a crescente capacidade de extensão da produção e a capacidade de consumo restrito do mercado tem a sua forma mais extrema nos sangrentos conflitos armados. Começando pelo massacre dos povos coloniais e pela conquista violenta das zonas de influência, as lutas imperialistas culminaram na carnificina monstruosa de 1914.

As forças produtivas do capitalismo, antes da eclosão do enorme conflito, estavam numa progressão constante. A conquista de novos mercados, até os fins do século passado, e as crises que se registravam periodicamente, disciplinando as forças de produção anárquicas, garantiam o desenvolvimento do regime. Em 1914, no seu primeiro encontro sério na luta pelo mercado os blocos opostos das grandes potências entraram com o otimismo, o ímpeto e a confiança que lhes garantia o sucesso do desenvolvimento progressista que até então haviam conhecido. E assim os dois grupos imperialistas, em nome de princípios igualmente "superiores", arrastaram para a hecatombe milhões de seres humanos, a quasi totalidade dos quais era recrutada entre as classes sociais cujos interesses colidem abertamente com os do sistema em consequência de cuja decrepitude e contradições lutaram e morreram. Do valor do remédio heroico somos hoje todos testemunhas. Atacado do mal senil, o atual regime de produção está em franco apodrecimento.

Na estagnação de uma crise crônica os conflitos armados, como a conquista da Manchúria pelo Japão, continuam no mundo inteiro. E com os últimos acontecimentos, o espectro sombrio de uma nova conflagração inter-imperialista vai tomando contornos mais nítidos. Mas, ao contrário do que se verificou em 1914, as minorias dirigentes mostram-se munidas de uma grande prudência. Na incerteza dos resultados de um novo choque armado de grandes proporções, procuram adiar a luta e contornar os fatores objetivos que levam ao conflito. Mas, ao que parece, não haverá outra saída. Depois do fracasso estrondoso da conferência de Londres vemos já se desmoronarem nos E. U. as ilusões que se criaram em torno do plano apressado e mais ou menos desastrado do presidente Roosevelt. Nas possibilidades das "realizações" fascistas, depois de onze anos da óca demagogia mussoliniana, nem os cretinos acreditam mais. Enquanto isso vemos as classes trabalhadoras desorganizadas e divididas e, em consequência da vitória do fascismo na Alemanha, o movimento revolucionário do proletariado em depressão. E a vitória do fascismo, com o consequente afastamento das classes trabalhadoras da luta política, favorece a preparação da guerra.

Por motivos a que repetidamente temos aludido, na época em que todas as condições objectivas se apresentam para a transformação da sociedade com a socialização dos meios de produção, verifica-se a carencia das organizações políticas do proletariado. Isso deu lugar ao aparecimento do fascismo e às vitórias que alcançou na Itália e na Alemanha e a consequente extensão pelo mundo dos métodos fascistas de demagogia e de repressão do movimento operário. A principal

tarefa do fascismo, como é sabido, é a destruição sistemática das organizações independentes das classes trabalhadoras, que são submetidas pela violência, sendo suprimidas todas as liberdades democráticas, as quais hoje não interessam de nenhum modo a minoria dirigente. Rosa Luxemburgo escreveu no começo deste século: "Se a democracia tornou-se para a burguesia superflua ou incomoda, ela é, ao contrário, necessária e indispensável para a classe operária. Ela é, antes de tudo, necessária, porque cria formas políticas que servirão ao proletariado de pontos de apoio em seu trabalho de transformação da sociedade burguesa; e é, em segundo lugar, indispensável, porque não é senão por seu intermédio, isto é, na luta pela democracia, no exercício dos seus direitos, que o proletariado pode chegar à consciência de seus interesses de classe e de suas tarefas históricas". E acrescenta: "Em uma palavra, a democracia é indispensável, não porque ela torne superflua a conquista do poder político pelo proletariado, mas, ao contrário, porque torna esta conquista do poder tão necessária quanto possível".

Ora, somente a maioria constituída pelas classes trabalhadoras, na luta pelo poder político, visando a transformação da sociedade, pode chegar à eliminação da guerra. O combate contra o fascismo, cujo triunfo significa o esmagamento das liberdades políticas do proletariado, tem por isso que se sobrepor a quaisquer movimentos tendentes a suprimir determinados efeitos do regime que os "duce" e os "fuhrer" procuram salvar.

A inocuidade do pacifismo vulgar, que dura somente o tempo que a sua inconsistência espera para ser posta à prova, já está desde há muito constatada. Ao cruzar dos "ultimatums" e das primeiras notas dos hinos patrióticos e guerreiros, o melhor dos pacifistas, diante da demonstração esmagadora da inutilidade do movimento idealista em que se empenhara, é o primeiro a reconhecer a guerra como uma "necessidade a que os homens não podem fugir" e não vê deante de si senão a "defesa da pátria". E' esse o pacifismo burgues que até 1914 parecia constituir uma força respeitável.

Presentemente o campo para o exercício de tal atividade sentimental torna-se cada vez mais restrito. Tal a evidência de que a guerra somente desaparecerá quando desaparecer o regime de que ela é uma

das mais trágicas consequências. Os horrores da guerra, nos nossos dias, têm que figurar ao lado do desemprego e de todas as misérias e contradições, na crítica da sociedade contemporânea. Uma gravura de Käthe Kollwitz fixando as consequências alucinantes da carnificina imperialista tem a mesma significação revolucionária daquela em que as crianças famintas pedem pão à mãe angustiada. A guerra como a miséria e o desemprego, originando-se de uma mesma causa, não podem ser combatidos isoladamente, como males independentes e acima dos interesses das classes.

O que é preciso dizer é que a guerra durará enquanto durar o domínio das minorias privilegiadas. O trabalhador consciente, manual ou intelectual, que se deixar levar pela ilusão pacifista, no dia que pode estar próximo em que ela mostrar a sua inconsistência, não terá deante de si nenhuma diretiva.

Uma ilustração dos desvios a que pode levar o pacifismo vulgar temos no manifesto recentemente publicado contra guerra. Nesse documento a guerra de 1914 é apresentada como um mal "cujas trágicas consequências ainda perduram na humanidade". Ora, essa é a mais vulgar das explicações de que o economismo burgues se serve para "justificar" a crise orgânica do regime capitalista. Para o economismo burgues a crise deve atribuída a tudo menos ao próprio regime.

E' sabido que a guerra imperialista é um efeito, uma consequência da luta pelo mercado, oriunda da contradição entre o modo de produção e a capacidade restrita do consumo, do mesmo modo que a crise que agora assume proporções catastróficas.

E a novas carnificinas assistiremos, a não ser que a maioria das populações, organizando-se para a vitória, abra para a humanidade as perspectivas maravilhosas de uma civilização que ultrapassará todos os sonhos dos utopistas. E para que isso aconteça, todos os que já adquiriram consciência do processo histórico têm que concorrer para o esclarecimento dos trabalhadores manuais ou intelectuais e não se deixar ilusões perigosas. A tarefa urgente é que têm que se entregar apaixonadamente os que anseiam pela emancipação do proletariado, condição para a emancipação de toda a humanidade, e a luta contra o fascismo, a avançada imunda da minoria opressora que visa destruir as condições em que é possível a luta por formas mais altas de civilização e de liberdade.

O general Góes Monteiro pens^a que já pôde ser contra a democracia liberal

em nome da qual comandou as colunas do Sul, em outubro de 1930

O general Góes Monteiro continua deitando falação, com aquela suficiência que a imprensa lhe tem reconhecido repetidas vezes, embora não ponha a mão no botocudo que lhe serve de assunto nas horas de ocio. No mesmo dia em que um velho jurisconsulto da antiga tempera dos republicanos históricos, dá, numa carta ao ministro Mello Franco, uma liçãozinha de democracia (a carta do sr. Carlos Maximiliano que a imprensa carioca não pôde publicar) nesse mesmo dia o general Góes Monteiro mete o bico para dizer que votava contra o ante-projecto da Constituição, porque "se ele for aprovado sem grande modificação pela Assembléa Constituinte, será apenas a formula de transição para o regimen definitivo que ha de adoptar forçosamente a nação brasileira e que ainda não é o que se traduz nesse mesmo ante-projecto. Teoricamente, o ante-projecto é uma obra notável, mas receio e não tenho mesmo muita duvida que, na sua applicação, ficará a quem de nossos desejos. Mais cedo ou mais tarde se verá que foi dado um passo no sentido de avançar no rumo certo, um passo, porém, muito curto para se alcançar o equilibrio social completo.

Não tenho ilusões para não sofrer desilusões. Em conjunto, a Constituição proposta não tornará o Estado Federal suficientemente forte, de modo a enfrentar as complicações dos problemas nacionaes, a principal pela organização racional da economia. base material sobre que terá de assentar toda a estrutura de nossa vida coletiva, permitindo ao mesmo Estado regular a produção do país, de modo que satisfaça as necessidades reais da coletividade e sobreponha sempre os interesses da nacionalidade aos interesses do individualismo e aos interesses de outra natureza, que forem antagonicos com aqueles.

De outra maneira não é possível a convergencia dos esforços de todos, não é possível evitar as explorações e deturpações as contradições, os paradoxos e os processos de dissolução nacional, continuando-se a marchar ao acaso para o desconhecido".

A consequencia ultima é precisamente esta: "marchar para o desconhecido!" Acredita o ingenuo general de divisão, que qualquer regimenzinho liberal caminha para o desconhecido. Ele aliás, está coherente com a sua definição da revo-

lução liberal de 30, que teria sido um "salto no escuro", mas está profundamente errado no que acredita ser o "desconhecido". Precisamente, a evolução da revolução liberal tinha de ficar dentro de certas solidas reformas, e com um pouco mais de complacencia perante a chamada "questão social brasileira", e acabar como acabou, um pouquinho mais reacionaria do que o golpe politico-militar de 89.

De fato, o documento publicado "para ser" a Constituição do país e que representa o resultado do estado actual da cultura juridica e da civilização brasileira, como disse o sr. Melo Franco, consigna a aproximação do Estado e da igreja, de uma forma velada, mas suficiente para que o clericalismo se espalhe e frondeje. Essas e outras mostram que o caminho da revolução liberal não foi para o desconhecido, e a "Constituição", que deve ser "aprovada", como resultado dela, não é marcha para o desconhecido mas representa um maximo de liberalismo compatível com o estado actual das coisas.

Pensando que é genio, o general Góes Monteiro vê, soturnamente, nessa legislação uma aberta para os "perigos muito maiores que se mobilizam nas trévas e possuem raizes universaes".

E pensando que é genio ele aceita o carater de "necessidade" de uma "terapia energica". O general está aflito atoa. O desconhecido não existe para a historia. E ele caminha pelos rumos mais certos para a emancipação do homem, para a justiça social mais elevada. Queira ou não queira o general de divisão, nós vamos para lá, e teremos que passar por grandes dias.

OBSERVADOR.

Grande Reunião Anti-integralista

No dia 14 do corrente, o Centro de Cultura Social realizará uma grande reunião ANTI-INTEGRALISTA, no Salão Celso Garcia, á rua do Carmo 25.

Serão oradores: um representante de "O HOMEM LIVRE", um elemento socialista e apenas o inicio de uma serie de conferencias do mesmo genero destinadas a esclarecer a opinião publica, e principalmente a classe operaria sobre o perigo que representará para o Brasil o possível dominio dessa nefasta e criminosa doutrina. O perigo integralista (fascismo nacional) é uma realidade que ninguém pode desconhecer.

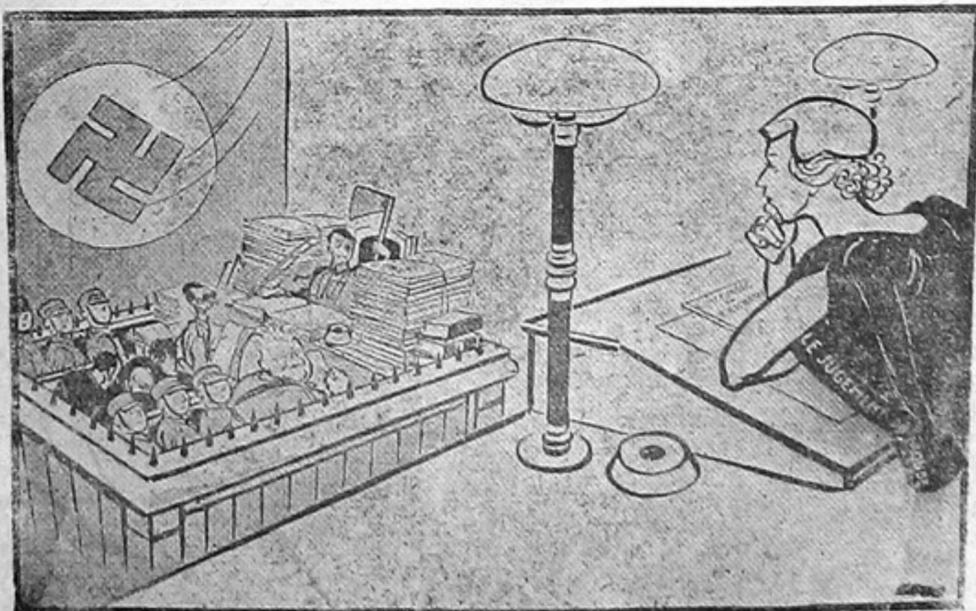
A molecada de Plínio Salgado poderá empalmar o poder. E' necessario prevenir esse perigo, combatendo-o "a outrance". Apelamos, pois, para todos os anti-fascistas de todas as raças, credos politicos ou sociais, para coadjuvar-nos nesta tarefa. Varios milhares de manifestos podem ser procurados na sede do Centro, á Rua Quintino Bocayuva, 80.

A Comissão Executiva

AOS ASSINANTES DE "O HOMEM LIVRE"

Pedimos aos nossos assinantes que mudam de residencia, de comunicar-nos o novo endereço afim de evitar a devolução do jornal pelo correio.

A colaboração enviada a "O HOMEM LIVRE" deve chegar-nos ás mãos não mais tarde da ultima terça-feira que precede a sua saída.



As lições da reação

Desde o dia em que Hitler subiu ao poder, uma onda de pessimismo abate e desmorteia o proletariado internacional. E, que pouco antes da catástrofe aqueles que enxergavam direito, previam o fim trágico, ao qual necessariamente haveria de conduzir uma política errada.

A desorganização e o recuo do movimento operário são consequências diretas desse desmorteamento. De tal forma está sendo conduzida a luta, nos países capitalistas onde existe, ainda em escala política, luta "organizada" de operários contra capitalistas, que, com evidência, ela deve estar sem direção, isto é, sem uma consequente direção marxista.

Na Alemanha, a pressão nazista tornou-se cada dia mais esmagadora. Hitler internamente, é senhor da situação, si bem que as contradições a que o levou a sua demagogia o aculem, mas seu controle das massas operárias se estende e se aprofunda, e acabará, dentro de não muito tempo, por isolar e inutilizar as últimas chamadas da resistência heroica mas impotente.

De outro lado, não se desenvolve atualmente, em nenhuma parte do mundo, um movimento operário que seja tão extenso, que possua tanta força, e que condense as esperanças do proletariado, como o que havia na Alemanha antes do advento do nazismo.

Mas, se esta vitória da reação significa o fracasso da política de mais de um partido proletário, ela não significa absolutamente a derrota da ideologia do proletariado. Uma coisa é marxismo e outra coisa é partido. Um partido político operário pode deixar, num dado momento e por determinadas circunstâncias, de caráter não só objetivo mas também subjetivo, poder deixar de ser marxista, isto é, pode deixar de ser revolucionário. E se nos perguntarem qual é a medida que permite controlar o "revolucionismo" ou não de um partido operário, não seria — para os militantes socialistas de todas as tendências — necessário responder que essa medida fornece-a, única e indubitavelmente, a dialética marxista.

A afirmação fascista de que o marxismo falhou, não tem nenhum sentido, é uma afirmação gratuita, cuja força demagógica baseia-se só na ignorância que a gera. Mesmo porque ele, o fascismo, se não contra na inesperada e incomoda necessidade de "prometer" o socialismo — um socialismo qualquer, segundo Hitler, um socialismo absurdamente anti-marxista! — e maçaquer exteriormente e em sentido contrário, formas de vida proletária, de origem genuinamente soviética. Não é atoa que Menotti del Picchia ou Vicente Ráo aproximam, de um modo ou de outro, os dois sistemas, e Mussolini inopinadamente afirma que é preciso de uma vez deixar de pensar que o capitalismo seja invulnerável.

As novas palavras de ordem do fascismo escondem uma nova manobra demagógica, mas na sua contradição, reafirmam a necessidade do socialismo. Aliás, é claro que o fascismo se esforça por tirar desta sua mais recente vitória, todas as vantagens possíveis, aproveitando-as em todos os sentidos.

E' portanto necessário neste momento — é vital para o proletariado e o seu movimento de emancipação — dar ao operário a noção exata do que está acontecendo. E' preciso ter a coragem de ser sincero, de dizer a verdade, de desfazer ilusões. O optimismo das ilusões, para quem combate, é fatal: eis aí uma das regras elementares da estratégia militar.

E' preciso defender a ideologia do proletariado, atacada com inaudita violência pela reação e abandonada ou mistificada pelos que se dizem seus genuínos representantes. Deturpar os fatos para desculpar as próprias faltas significa — neste momento sobretudo — auxiliar com as ações embora que não com as palavras, o fascismo. Escondendo ou adulterando a verdade, se confunde, se desmorteia, se avencena, se desarma ideologicamente aos operários, empurrando-os a sofrerem a ação maquiavelica do fascismo. E a influencia do fascismo no seio do operariado começa justamente com esse desarmamento ideológico provocado pelos erros dos partidos que pretendem dirigi-lo!

O movimento operário já conheceu, ao longo de seu desenvolvimento, muitas outras derrotas, e não faltaram então, como agora, os profetas interessados que vaticinaram o fim da ideologia proletária. E de cada derrota, a luta ressurgiu com mais extensão, com mais alicio, alcançando resultados mais amplos e duradouros. A luta do operariado pela sua emancipação não é uma fantasia de pensadores, é sim uma necessidade natural e lógica, determinada pela sua posição dentro da sociedade. Nenhuma das derrotas sofridas pelo proletariado foi definitiva nem o poderá ser. O desfecho lógico, necessário e definitivo desta luta, não pode ser senão a vitória do proletariado e portanto de sua ideologia.

A reação que hoje se desencadeia contra o proletariado é já uma reação internacionalmente organizada, não mais nacional, não mais desligada, fragmentaria, intermitente. Ela é sistemática e constante, com uma sua ideologia particular.

Isto porém não contradiz o marxismo. Demonstra, ao invés, com evidência irretorquível, como é profunda, exata, insubstituível a análise da sociedade capitalista e do seu desenvolvimento, feita por Marx. E quer dizer também que o operariado precisa de uma organização internacional que esteja a altura de sua missão, que é a de barrar o caminho ao fascismo!

G. S. T.

Kurt Suckert foi parar na cadeia

As autoridades italianas acabam de ordenar a prisão do escritor Kurt Suckert, ex-cidadão bávaro, o qual, desde o começo do movimento mussoliniano adquiriu uma grande notoriedade na Itália e além dos Alpes, como chefe da chamada fração "selvagem" do Partido Fascista.

Kurt Suckert, mais conhecido pelo pseudônimo de Curzio Malaparte, era indiscutivelmente um dos raros valores intelectuais do fascismo. Para falarmos com mais propriedade, era um dos mesmos burros entre os mestres do Fascio. No que diz respeito ao caráter, era porém um fascista igual aos outros. O primeiro livro que se conhece dele figura entre a produção literária anti-patriota do após-guerra. O título: "Viva Caporetto!", dispensa todo e qualquer comentário. (Caporetto é o nome da batalha em que o exercito italiano foi destruído pelos áustro-úngaros em 1917)

Ingressando no bando das camisas pretas, tornou-se logo (ele, estrangeiro!) o poeta e o teórico do super-nacionalismo, como inspirador dos órgãos do extremismo fascista ("Il Selvaggio", e "L'Italiano"), e como autor de livros tais que "L'Arci-Italiano", "L'Italia Bárbara," etc. Iniciou a sua vida jornalística fundando um pequeno semanário de cavacão ("La Conquista dello Stato"), para acabar como diretor de um dos mais importantes jornais da península: "La Stampa" de Turim.

Escreveu, de parceria com Enrico Falqui, aquela repelente bajulação que é "Vita di Ferro, detto Italo Balbo" ("Vida de Cavanhaque de Ferro, vulgo Italo Balbo") Nestes últimos tempos residia no estrangeiro, cuidando da tradução de algumas das suas obras ("L'Italie contre l'Europe" "Technique du Coup d'Etat" etc.) Foi justamente preso precisamente quando da sua volta á querida pátria.

Segundo as notícias veiculadas pela imprensa oficial, Curzio Malaparte, seria culpado de ter falado mal do fascismo no estrangeiro. A coisa não é para admirar. Também um fascista, de vez em quando, especialmente na mais estrita intimidade, pode ser capaz de soltar algumas verdades sobre o regime de seu coração e sobre o seu "Duce" imortal. O diabo é que os espíões de Mussolini estão além das fronteiras do "paraíso" itálico.

Kurt Suckert, teorizando o regime da volta e do chicote, nem pensava que o feitiço muitas vezes vira contra o feiteiro.

Mas, afinal das contas, é bom que os bandeirantes do fascio experimentem as delicias daquelas mosmorras onde a parte mais honesta e mais corajosa do povo italiano expia a sua fidelidade aos ideais de liberdade e de justiça humana.

H.

Altona

O machado dos antigos carrascos da Alemanha voltou novamente á sua infame tarefa.

Em Altona — na Prussia — a primeira do mês de agosto. A cerimônia deu-se em forma privada. Devia ficar limitada pelas muralhas da prisão. Mas nesse pequeno pátio separado do mundo, nessa cela central que tem por abóbada o céu, estavam amontoados os prisioneiros políticos tirados das células do edificio. Eram em numero de setenta e cinco, alinhados em circulo e fechando assim o cadafalso, onde o carrasco — rodeado pelos chefes hitleristas — esperava apoiado ao machado, dando a impressão de um fantasma da Idade Média. Ao pé do cadafalso, quatro trabalhadores de cabeça descoberta e de mãos atadas.

(Continua na 3a. pag.)

Místicos de camisas

Sob o título — O FEIJE DE VARAS — publica Pierre Gérome, no ultimo numero da revista "Europe" um estudo assás interessante sobre o fascismo e a sua pseudofilosofia.

Não vamos examinar todo esse artigo. Apenas alguns pontos do "pensamento" do chefe do fascio.

Apreendendo possuírem uma filosofia, os fascistas praticam crimes contra a mesma que é razão, que é tolerancia, que é relativismo.

Eles, em lugar da razão, invocam o misticismo. Eles, em lugar da tolerancia, praticam o assassinato do professor Lessing e o incendio das bibliothecas dos filsofos, como aconteceu com a de Benedetto Croce.

Benito Mussolini, apesar — da sua célebre e celebrada novela, — "A filha do Cardeal", não parece ser grande pensador, conforme se pode verificar por alguns trechos publicados na "Exposição da Doutrina Fascista", que dizem ter sido escurtada do seu colega Hitler, que não se peja de apresentar ao publico um livro como esse KOLOSSAL a nova edição da "Enciclopédia Italiana". E', não obstante, um notavel rival, sob o ponto de vista da crítica pelo próprio Mussolini, para "Mein Kampf", onde se acumula, ao lado dos mais odiosos sentimentos, o máximo em absurdo de toda a espécie.

Sob o aspecto científico, esse livro é, então, uma verdadeira miséria.

Voltemos, porém, ao chefe dos camisas negras.

Visinho de S. S. — o Papa, sonhando com um Império Romano, como o seu colega sonha com um Império Germanico, almejando, como muitos, pela volta aos belos tempos da Idade Média, julga-se talvez, o actual habitante do Palácio Torlonia, uma especie de Papa do Fascismo, chefe supremo das camisas de todas as cores.

Embora ha algum tempo tenha dito a Emil Ludwig que o fascismo não era matéria para exportação, declara agora que "a universalidade do fascismo não é objeto de discussão doutrinaria, — é uma realidade" (?)

Pela sua imprensa, — a única tolerada pelo "pensador" da "Exposição da Doutrina Fascista", — declarou mais esta curiosidade: "Se cada século tem a sua doutrina, mil

índices indicam (?) que a doutrina deste século é o fascismo" (?)

Mussolini, nos seus afazeres, que devem ser muitos, esqueceu as aulas de historia...

Procurando uma definição para o fascismo, definição que deve conter muitos fascistas, escreveu esta coisa incompreensível a todos que usam da razão. "O fascismo é a síntese e unidade de todos os valores".

Todos os sistemas políticos, economicos, tudo quanto a gente queira é sempre a síntese e unidade dos valores.

Todo o dogmático acredita que no seu modo de entender as coisas, se encontre a "síntese e unidade de todos os valores" e todas as virtudes.

Quando os homens deixam de apreciar a razão, para se contentarem com a mística, é preciso ter cuidado...

A "Gazeta", de ha dias, informando sobre o congresso hitlerista, reunido em Nuremberg, contava o que dissera o snr. Dietrich, num discurso feito nesse congresso.

O chefe da imprensa (?) de Hitler, declarou que o movimento nazista não era um movimento intelectual! Isso não era necessário dizer, pois todos já o sabiam! Completamente contrario a tudo o que é intelectual, isso sim. Mas mais importantes, foram as declarações desse jornalista (?), a proposito do chefe do Nazismo.

"O fundo dessa personalidade (de Hitler), ser-nos-á sempre misterioso, porque o homem que goza da graça divina segue um caminho reto, do qual não se pode afastar. O terceiro Reich é orientado pelas forças da personalidade do "fuhrer" (???)

Já recebemos de Hitler e dos seus gentis e delicados comparsas, o amabilíssimo epiteto de "idiotas sui americanos".

Essa escolha ariana e forte, de cachaco simiesco de touthico rubro, que constitue o partido do belo Adolf, deve, pelo sintoma Dietrich, procurar quanto antes qualquer droga indicada para a paralisia geral, pois esta manifesta-se também sob a forma de mania religiosa.

E' mesmo a sua manifestação mais perigosa...

Os místicos como Mestre Eckart e S. João da Cruz, felizmente nunca almejavam dirigir os povos.

E isto para o bem da Humanidade...

Setembro, 1933. SPECTATOR

proletariado europeu contra o fascismo

Os trabalhadores de quasi todos os portos da Europa boicotam os navios que arvoram a bandeira hitlerista

CADIZ (Espanha) — Os estivadores do pórtio de Cadiz — imitando o exemplo de Barcelona, Sevilha etc. — recusaram-se á unanimidade de descarregar o barco alemão Rabat porque o mesmo tinha arvorado a bandeira com a cruz gamada. Os trabalhadores do pórtio espanhol deliberaram que "nunca mais será permitido que a bandeira hitlerista seja levantada nos portos da Espanha."

As mercadorias do Rabat, foram descarregadas só depois que o capitão do barco — fulo de raiva — ordenou de retirar o pavilhão fascista.

PASAJES (Espanha) — A' chegada neste pórtio do barco alemão Stalehk, arvorando a bandeira fascista, — os estivadores — num gesto unânime de repulsa, declararam-se em greve. Foi reiniciado o trabalho sómente quando a cruz gamada foi abaixada.

DUNKERQUE (França) — A entrada neste pórtio do paquete alemão Akka, içando a bandeira hitlerista, provocou uma grande excitação entre todos os estivadores que abandonaram imediatamente o trabalho. Reunidos em frente ao Akka, os trabalhadores entoaram em côro a Internacional. Diante desse ato de solidariedade fraternal, a maruja alemã — comovida e tomada pelo entusiasmo — mau grado as ameaças da officialidade poz-se a cantar por sua vez o hino dos trabalhadores do mundo inteiro.

GALATZ (Rumania) — Os estivadores de Galatz — respondendo o apelo dos trabalhadores de todos os portos rumenos — recusaram-se de descarregar os barcos alemães chegados neste pórtio, içando a bandeira nazista — confraternizando com os marinheiros germanicos.

Casos analogos deram-se em Antuerpia, Bordéus, no Havre etc.

O fascismo, o P. R. P. e a policia,

segundo o Snr. Oswaldo Chateaubriand

"Continuo a sustentar que o que ha de mais interessante nas Américas, do Norte, Central ou do Sul, é o governo do general Vicente Gomez em Venezuela, como na Europa — o fascismo italiano. E si para o Brasil me fosse dado pregar alguma coisa no que diz respeito á politica, bater-me-la com todas as forças pelo retorno do P. R. P., cujos estelos jamais deveriamos ter quebrado, considerando-se a impossibilidade, do ponto de vista histórico e geografico, de adotarmos entre nós o sábio sistema italiano".

"Estejamos tranquilos que assim como as aguas voltam ao seu nivel, a realidade brasileira terminará, dentro de muito pouco tempo, impondo o regresso aos métodos perreppistas, nas suas linhas gerais, quer o poder se encontre nas mãos de um atabilista, de um rodriguesalvista ou de um prócer democratico, mau grado todos os protestos de liberalismo".

"Partidos e jornalistas estão assistindo ás escaramuças do chefe de Policia no costado dos comunistas, como si a coação da autoridade á propaganda de uma doutrina politica não valesse por uma certa punhalada no coração do liberalismo. Mais ainda: ao mesmo tempo que a urtiga policial lavra e encalomba o couro dos discipulos de Lenine, o dr. Plinio Salgado passeia impunemente os seus camisa-oliva nas ruas de São Paulo, como si o fascio também não significasse um atentado á democracia liberal".

"No fundo e em verdade somos todos excelentes conservadores, que caberíamos com armas e bagagens nos braços amigos do P. R. P., que não concebia a mística do voto, respeitava prudentemente a Igreja, rebelava-se com indusa sabedoria contra o divórcio e por tudo isso defendia os mais transcendentes interesses da sociedade".

(Do artigo "Pilhéria Liberal", publicado no "Diário da Noite" de 28 de Outubro ultimo)

As besteiras de "Gustavo Garapa"

O sr. Elói Pontes publicou num periódico do Rio, um artigo sobre o livro de conferencias de Gustavo Barroso sobre a marcha do integralismo. O artigo do sr. Elói Pontes analisa bem o que o Gustavo Garapa andou gritando na propaganda do integralismo, e as burradas que juntou na discursela de cristão novo do credo de Plínio Salgado, o detestado mistico do verdeamarelismo.

Transcrevemos abaixo trechos desse artigo:

O integralismo, que o sr. Gustavo Barroso propaga, com girandolas de retórica, a despeito de todos os seus disfarces, é uma das muitas panaceas com que o regime capitalista pretende simular suas intenções. Parece-nos que o sr. Gustavo Barroso deveria, antes de tudo compreender a significação exacta da luta de classes. Elle ainda confunde esse com profissão.

Desse modo, a exemplo de outros partidários dos métodos contemporâneos, que encaram o trabalho como mercadoria exposta aos imprevistos da oferta e da procura o sr. Gustavo Barroso infla as bochechas para soprar a tuba da hierarchia. Nós conhecemos o dialecto... Em regra os membros das classes accessorias consideram-se typos excepcionaes, feitos sob medida enfeitados para andores dos mandatos, da evidencia, da hierarchia... O sr. Gustavo Barroso não escapa á regra. Por isso mesmo ainda repete as bobagens e as banalidades com que alguns contraventores tentaram deturpar a expressão da luta de classes, no seu campo de realidades. Affirma elle que os revolucionarios "querem dar cabo dos intellectuaes".

Onde? Enchendo-se de santa revolta conclue em seguida: "E' o pavor da nossa critica e da nossa fiscalisação". Tudo o que conhece do assumpto, o sr. Gustavo Barroso consubstancia nesta phrase espantosa: O Estado sovietico unicamente defende o trabalho". Como o systema capitalista só defende o capital, elle conclue que o integralismo defenderá a harmonia e a cooperação do capital e do trabalho dentro duma ordem espiritual. Não chegamos a perceber nitidamente o que quer dizer essa ordem espiritual metida ahí a martello. Sabemos, entretanto, que não pôde existir harmonia e cooperação entre interesses antipodas. O governo é sempre um instrumento de classes. Quando não se confunde classe com profissão, essa fórmula se esclarece logo... Os farriscos, que os lazeres do sr. Plínio Salgado alliciou, em vão se têm esforcado em definir essa especie de buglaria do fascismo. Ainda agora, o sr. Gustavo Barroso faz aqui gymnasticas verbaes de toda sorte, para explicar as doutrinas que o seduziram O integralismo é a concepção totalitaria do Universo; comprehende o mundo dum modo geral, aceita a Idéa de Deus e do Espirito e pretende construir a sociedade segundo o sentido da sua essencia espiritual e material e de accordo com as leis de seus movimentos". Lida a logomachia, temou vontade de ir á cartomante... E' possível que esta nos oriente melhor no labirinto de palavras ócas.

O senhor Gustavo Barroso, que foi sempre um escriptor secco, plano, monotono e vão sem perspectivas pittorescas, sem imprevistos, apresenta-se aqui nos braços da retórica. Ha paginas e paginas neste volume de meros exercicios verbaes. O novo feitu do estylo de onde em onde surprehende-nos com verdadeiros logogryphos. A força de tentar eloquencia o sr. Gustavo Barroso descobre o nephelbatismo. Ha mesmo lances muito caracteristicos como esse em que elle contesta as semelhanças, as analogias, as macaqueações de que é victima o fascio italiano, por parte dos gatos pingados que o acompanham, no

afan de semeador de palavras. Explicando o distinctivo escolhido pelo papa Plínio Salgado, o sr. Gustavo Barroso escreve: "O symbolo que trazemos o braço esquerdo, o signal do alphabeto grego, é o signal mathematico do calculo integral proposto por Leibnitz por ser a sua primeira letra da somma".

E' que é que tem isto? Qual a expressão intima, symbolica, significativa do facto? Que é que tem Leibnitz, o calculo integral e o alphabeto grego com o integralismo, que os olhos de alguns pandegos conceberam? O sr. Gustavo Barroso com a sciencia do Bom Homem Ricardo explica: "Queremos, pois, sommando os grandes principios niversaes, de que decorrem as leis que geram os factos em qualquer dos aspectos do cosmos, estabelecer uma synthese social, com bases moraes e espirituaes definidas, com melos scientificos e racionais certos, da qual resulte uma obra politica tão perfeita quanto ao homem é permitido fazer e não um monstro social como são o Estado burguez e o Estado proletario, um elvado de ignorancia de empirismo, de nepotismo e de politiqueria pódre, e outro negando a superioridade do espirito, a sua primazia, em favor do Moloch determinista do materialismo". E' o que está escripto...

O sr. Gustavo Barroso ás vezes, toma ares de marquez de Maricá: **Mais fortes do que as revoluções que derramaram sangue são as revoluções que derramaram idéas**". Essas verdades profundas elle as repete pensando no sigma e conscio de que está, realmente, derramando idéas. As idéas derramadas, entretanto, só provocam pequenas manchas, que não revelam cousa alguma, além das que conhecemos a respeito dos individuos que trocam as mais solidas convicções pelas lantejoulas da evidencia. Os politicantes de todos os tempos sempre empregaram o mesmo dialecto, as mesmas palavras, os mesmos recursos verbaes, para disfarçar a penuria de quaisquer noções seguras dos problemas economicos. Que pretendieram os apóstolos das novas tizanas, se o acaso os favorecesse? Responde o sr. Gustavo Barroso, de mãos nos bolso, camisa oliva e sigma no braço canhoto: "Queremos acabar a inquietação provinda das aventuras, dos emprismos e dos extremistas integralisando as forças vivas da nação num modus governamental equi librado, num Estado totalitario que abranja o Homem nos diversos as-

A arte e o fascismo

O escultor Ello de Giusto abriu uma exposição — que nos interessa somente porque nella faz uma declaração de fascistas — na qual não sabemos, de inicio se admirar mais a sincera intenção comercial do "negocio" ou a formidavel constancia do escultor em reproduzir em marmore, gesso, pedra ou bronze, durante tantos anos, o mesmo motivo...

Da arte de E. de Giusto nada é possível dizer porque ella não existe. O escultor em questão é o que se pode chamar: um espelho, que reflete as imagens artisticas de todas as obras que lhe são postas diante.

O sr. E. de G. certamente quando vê em alguma revista uma obra de arte qualquer, suponha, de Líbero Andreotti, de Mallol, de Dazzi, etc. diz: oh! que bonito, vou fazer uma igual!... E' assim que nasce a obra de arte giustiana...

Numa coisa porém elle foi sincero: quando se declara fascista no

pectos de sua natureza e de sua actividade material, mental e espiritual". Tirantes os logares communs e o tabú das maiusculas, a charada ficou sem conceito... Demora-se a attenção na analyse do periodo. Que é que se extráe dahi? Nada. O estylo do sr. Gustavo Barroso tornou-se hermetico. Elle se deixa conduzir apenas pelo tamtam dos vocabulos. Isto não impede que encontremos ainda aqui verugas, que enfelam a sua physiognomia. Exemplos: "O veneno dos paradoxos influu terrivelmente sobre alguns cerebros anormaes" — "Este quadro admiravel foi traçado alguns annos antes da grande guerra e faz com que nos esqueçamos o sopro do anarchismo e do nihilismo, contribuindo para o desenvolvimento ulterior do marxismo". (O sr. Gustavo Barroso emprega muito esse sarabulho de idéas e doutrinas) — "Chega a um ponto, em que a derrota a escolher nos dará prosperidade ou infortunio" — "O horror ás responsabilidades foi tal, que um presidente da Republica inventou a enxaqueca permanente para fugir a ellas e, quando desceu do Cattete, deixou todos os directores das repartições nomeados interinamente". Não insistiremos. A panacéa de que o sr. Gustavo Barroso se fez propagandista, pertence ao genero das que se vendem á força de annuncios. A feição rhetorica, que elle imprimiu ás attitudes, não acrescentou cousa alguma ao que sabiamos das suas qualidades de escriptor. Ao contrario...

ELOY PONTES.

Crónica do fascismo Fome e Repressão

O insuspeito "Diario da Noite", publicou no dia 31 de outubro a seguinte noticia transmitida de sua sucursal em Santos, que constitue um depoimento valioso sobre a situação a que o fascismo levou a Italia:

SANTOS, 31 — Entre os inumeros passageiros da terceira classe do "Princesa Giovanna", que passou pelo Porto vindo da Europa, figurava um brasileiro, ao lado de espanhoes, portuguezes italianos, etc. O reporter immediatamente se acercou desse viajante, sabendo então que se tratava de um patricio repatriado. Chamava-se Donato Geraldo Gallo, pedreiro, de 25 annos de idade, solteiro. Nasceu em São Paulo, tendo deixado o Brasil na idade de dois annos. Nunca mais voltou a ver o torrião natal. Ambiguitouse na Italia, desconhecendo o nosso idioma. No paiz do fascio prestou serviço militar, pois esteve nas fileiras do exercito durante o espaço de quatorze meses. Aprendeu a profissão referida de pedreiro, e com ella conseguiu manter-se, pois que com a morte dos seus progenitores — que o levaram para a Italia — teve de ganhar a vida sózinho. E por annos e annos viveu entre a massa anonima dos proletarios que constroem as cidades. Nada lhe produziu essa atividade. E um dia teve a infelicidade de ficar no desemprego. Correram os dias e os mezes sem que apparecesse colocação. Percorreu varias cidades italianas em busca de serviço e em toda a parte encontrou negativo para as suas pretensões, porque a falta de trabalho atingia a muita gente. A miséria se aproximava cada vez mais. E foi então numa dessas negras situações em que o homem fica na iminencia de não encontrar pão e de não achar teto, que Donato Gallo resolveu voltar ao paiz de origem, onde tinha esperança de encontrar dias melhores. Conseguiu então no consulado brasileiro de Nápoles a sua repatriação depois de 23 annos de ter deixado o Brasil, aqui chegando hoje.

Tivemos a curiosidade de saber da situação italiana, através a palavra de

quem a tinha sentido e vivido como elemento do povo. Donato não foi expansivo, mas com um "paiz" que fez com o gesto conhecido, não deixou de nos declarar que era "troppo male". A JUSTIÇA, A CENSURA A' IMPRENSA E A HONORABILIDADE DOS TRIBUNAES DO ESTADO INTEGRAL. A verdade sobre as belezas do "Estado Integral Fascista" (tudo com maiusculas) aparece, transparentemente através as linhas de uma entrevista ao "Diario da Noite" do Rio de Janeiro pelo Desmemoriado de Collegno, e reproduzida em São Paulo pelo vespertino do mesmo nome. Transcrevemos algumas das declarações que dizem respeito á honorabilidade dos tribunais fascistas, á censura á imprensa: ... a Corte de Florença ia estabelecer e erro judiciario que os demais tribunais não teriam desejo de destruir, por que não se desmoralizasse a magistratura. O "Devolvido ao seio da familia, Julio Canella começou a escrever a obra "A procura de mim mesmo" Estão prontos tres volumes dessa obra que a Camera fascista não permite seja postá á venda, conforme já noticiamos na 1.ª edição.

Nessa occasião, a sra. Julia Canella passa a participar da palestra, e diz: — Tudo o que ocorreu foi devido á censura em que vivem os jornaes italianos. O povo mesmo, lendo os votos da promotoria, não poderia acreditar que o meu marido fosse quem é. Os jornaes não podem falar. Tres redactores deles disseram a meu pai que lamentavam não poder tratar do caso como desejavam.

Procedendo, disse-nos d. Julia Canella:

— Uma vergonha! As impressões digitas de Mario Bruneri — um homem que foi preso mais de 70 vezes — nunca appareceram! E, de uma feita surgiram verdadeiros borrões em que não se viam as papilares!

Por que? — perguntará o sr. redactor. Porque se apparecessem ficaria provado que Mario Bruneri é um "meu marido outro!"

Onze annos de fascismo

Vamos ter estes dias um novo e mais furioso diluvio de verbosidade fascista, por occasião do encerramento do ano undécimo e do começo do ano duodécimo da Era Mussolinica.

A imprensa italiana e a imprensa brasileira simpatica aos algarozes do povo italiano encher-se-ão dos "balancetes" falsificados com que o fascismo, desde algum tempo, costuma brindar o mundo. Algarismos, diagramas, ordens do dia de Mussolini, listas das prisões e dos mitórios edificadas nestes ultimos doze meses, paradas, enthusiasmo encomendado etc., tudo isso virá á tona para ser alardeado ainda uma vez.

Mas, depois da festa, o regime do "Duce" continuará coxeando como dantes, entre as dificuldades e as

contradições da crise inexoravel que ele mesmo contribuiu a tornar mais aguda.

No terreno economico, mau grado as afirmativas dos turiferarios do "fascio", o governo de Mussolini terá que enfrentar o escolho do desemprego cronico de grande parte da população e as consequencias da valorização louca da lira, obtida á custa da miséria do povo.

No terreno politico, o partido dominante encontrar-se-á, mais do que nunca, em p. de guerra contra a maioria dos italianos, tanto assim que a legislação terrorista do Ministro Rocco continua a ser applicada com sempre renovada ferocidade, sendo a mais agravada pela organização de pseudo-complots, por parte da O. V. R. A., a policia politica do fascismo.

No que diz respeito aos problemas internacionais, já vimos — depois dos recentes acontecimentos da Alemanha — o fracasso do famigerado Pacto Quadruplo, com que Mussolini queria se apresentar á Humanidade como o salvador da paz universal.

Entre estes trilhaes, sobre os quais o fascismo é forçado a se manter, brota um sem numero de episodios particulares, cujo exame revela dia a dia as multiplas contradicções de que é tecida toda a vida politica e economica da nação.

O fracasso do fascismo é o fracasso dos "metodos herolicos" da sociedade capitalista. Graças as armas da violencia, empregadas contra o proletariado, a burguesia tinha a certeza de, entregando-se a saltadores politicos da envergadura moral de Mussolini e de Hitler, conseguir a propria salvação.

O proletariado foi reconduzido á condição dos antigos escravos, privado de todas as conquistas, obtidas em seculos de lutas civis, mas a crise da sociedade capitalista não por isso foi resolvida. Pelo contrario.

E hoje, como consequencia do fascismo, a Europa e o mundo estão empregando esforços desesperados para escapar á fatalidade da extrema ratio: um novo massacre mundial.

— O fascismo salvou a civilisa-

ção! — clamam todos os Tristões de Ataide do Universo — Com effeito...

A "Civilisação" que as camisas de diversas cores salvaram é a civilização da morte, da fome e do crime: a "civilisação" das "esquadras" de Mussolini, do Machado de Hitler, dos campos de concentração, dos exercitos de famintos e de perseguidos.

Foi esta "civilisação" que deu ao mundo a barbarie de 1914 e continuou com os massacres da China e do Chaco.

Na Italia do após guerra — infelizmente — não houve numa tentativa de revolução social. Na Alemanha, por sua vez, a socialdemocracia — dona do poder durante longos annos, não se atreveu a mudar o velho estado de coisas, cuidando mesmo que não fossem ameaçados nem de longe os privilegios do capitalismo.

No entanto, o proletariado dos dois paises, tinha todos os direitos de chamar a uma prestação de contas as responsabilidades, pela ruina de dois povos.

Foi sufficiente que os trabalhadores comessem a falar de justiça e de reivindicações para que se desencadeasse a contra-revolução preventiva e para que, em nome de Deus, de outras mentiras convencionaes, se renovassem os espetaculos bárbaros da mais negra Idade Média: homens, mulheres, velhos e meninos assassinados friamente, pobres lares saqueados e queimados, fuzilamentos, a volta do carrasco e do pelourinho...

Ironia trágica: os responsáveis por todos os males do nosso tempo castigaram os innocentes pelos crimes que eles mesmos cometeram!

De outra parte a mesma coisa apesar de em ponto pequeno, está se dando entre nós tambem.

A burguesia internacional tem, evidentemente, as suas boas razões para celebrar a Marcha sobre Roma. Para ella, a efemeride representa um dia de vitoria.

De vitoria temporaria porém... Porque, como já disse uma victima de Mussolini, quanto mais a noite avança, tanto mais a luz da alvorada se aproxima!

O FARROUPILHA